

Maria Ieda Almeida Muniz  
Arlete Ribeiro Nepomuceno (org.)

*A Linguagem e suas  
Múltiplas Visões*

  
**EDITORA**  
Unimontes

**Reitor**

Professor João dos Reis Canela

**Vice-Reitora**

Maria Ivete Soares de Almeida

**Diretor de Documentação e****Informações**

Huagner Cardoso da Silva

**Diretor da Imprensa Universitária**

Humberto Velloso Reis

**Revisão Linguística**

Maria Ieda Almeida Muniz

Arlete Ribeiro Nepomuceno

**Conselho Editorial**

Maria Ieda Almeida Muniz

Arlete Ribeiro Nepomuceno

**Editoração Gráfica**

Fabiane Barbosa Pereira

**Revisão Geral**

Arlete Ribeiro Nepomuceno

Maria Ieda Almeida Muniz

**Capa**

Fabiane Barbosa Pereira

**SUMÁRIO****Apresentação .....7****1 Estrutura argumental preferida: lugar da gramática e do discurso .....11***Arlete Ribeiro Nepomuceno, Ana Clara Gonçalves Alves de Meira e Maria Risolina de Fátima Ribeiro Correia***2 Como colher dados em situação de trabalho .....27***Maria Ieda Almeida Muniz e Arlete Ribeiro Nepomuceno***3 A constituição do *ethos* de Luiz Tadeu Leite e Athos Avelino: entrelugares no processo argumentativo .....43***Ellen Cristina Annechini Silva Moreira***4 Análise discursiva da proposta de redação e das orientações para a correção da redação do ENEM 2005 .....69***Simira de Souza***5 O texto cinematográfico como possibilidade de leitura nas aulas de Língua Portuguesa e suas Literaturas ..... 95***Lauro Sérgio Machado Pereira***6 A coerência nos textos digitais: um olhar do professor pesquisador .....121***Joaquina Aparecida Nobre da Silva***7 As metodologias utilizadas pelo professor no ensino de leitura na 8ª série do Ensino Fundamental .....137***Cibele Alves de Oliveira***8 As audiências trabalhistas e o processo de modalização ..149***Maria Bethânia Alves dos Passos*

L755 A linguagem e suas múltiplas visões / Maria Ieda Almeida Muniz, Arlete Ribeiro Nepomuceno, organizadoras. – Montes Claros, MG : Unimontes, 2011. 227 p. ; 14 x 21cm

Inclui bibliografia.  
ISBN 978-85-7739-207-0

1. Linguística . 2. Linguagem e línguas. I. Muniz, Maria Ieda Almeida. II. Nepomuceno, Arlete Ribeiro.

CDD 410

**Índice para catálogo sistemático:**

1.Linguística 410

Proibida a reprodução total ou parcial.

Os infratores serão processados na forma da lei.

O conteúdo dos artigos aqui publicados manifesta os pontos de vista de seus autores. Toda e qualquer informação veiculada nos artigos é de inteira responsabilidade de seus autores.

EDITORA UNIMONTES  
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro  
Montes Claros - Minas Gerais - Brasil  
CEP: 39.401-089 - CAIXA POSTAL: 126  
www.unimontes.br  
editora@unimontes.br

Filiada à

**ABEU**  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

**9 A paráfrase nas manchetes do caso Isabella Nardoni .....177**

*Débora Leticia Souza Tavares*

**10 A linguagem do futebol brasileiro .....199**

*Rosemary Coelho Ferreira*

## APRESENTAÇÃO

Este volume, intitulado *A Linguagem e suas múltiplas visões*, é fruto do árduo trabalho de organização do I Seminário em Estudos Linguísticos: linguagem, reflexão e ação (Selira), promovido pelo Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), nos dias 26 e 27 de novembro de 2009, e de mais uma empreitada realizada com o intuito de sensibilizar o corpo discente e docente, o fomento e a propagação inicial da pesquisa, a reflexão sobre tendências da investigação científica, bem como a concretização de um verdadeiro intercâmbio, possibilitando à Unimontes cumprir com seu tríplice papel: ensino, pesquisa e extensão.

Observando o mundo a partir de um olhar que considere visões múltiplas da linguística, os trabalhos aqui reunidos representam num mosaico uma visão panorâmica do conhecimento linguístico, sendo produzidos por um público composto não só por pesquisadores e graduandos do curso de Letras da Unimontes, que vêm, há algum tempo, demonstrando interesse na investigação dos estudos da linguagem, mas também por outra instituição de ensino superior do Norte de Minas, que, envolvidos em pesquisas, constituem-se como sujeitos produtores e receptores de discursos.

Nesse cenário, tem-se uma publicação multi-, pluri- e interdisciplinar em que serão apresentados trabalhos cujo foco é o caráter multifacetado da linguagem por meio de diferentes pressupostos teóricos. Assim é que, qualquer que tenha sido o enfoque dado nos artigos, acreditamos que, de uma forma ou de outra, poderão contribuir para o saber dos interessados no melhor entendimento da linguagem.

No artigo *Estrutura argumental preferida: lugar da gramática e do discurso*, Nepomuceno; Meira e Correia, sob a égide da teoria

funcionalista, trazem no bojo de suas reflexões a importância do imbricamento entre gramática e discurso em conversações espontâneas, buscando mostrar o quão a gramática codifica no sistema de transitividade situações de uso da língua. Muniz e Nepomuceno no estudo *Como colher dados em situação de trabalho* apresenta uma sugestão de metodologia para ser utilizada em pesquisas que possuem por interesse a situação de trabalho. Moreira em sua pesquisa *O discurso da emoção e o discurso da razão: entrelugares no processo argumentativo* apresenta o *ethos* discursivo de dois políticos norte-mineiros na constituição da argumentação. Por meio da Análise do Discurso, Souza em *Análise discursiva da proposta de redação e das orientações para a correção da redação do ENEM 2005* verifica os efeitos de sentidos produzidos entre interlocutores, mostrando as diferentes modalizações do que se diz. Já Pereira em seu estudo *O texto cinematográfico como possibilidade de leitura na sala de aula de língua e literatura portuguesa* tomando como objeto de estudo filme de ficção procura investigar a prática pedagógica de professores de língua e literatura portuguesa do Ensino Médio. Silva em seu texto *A coerência nos textos digitais: um olhar do professor-pesquisador* traz a discussão dos textos veiculados na *internet* como suporte de estudo da linguagem. Oliveira em *As metodologias utilizadas pelo professor no ensino da leitura na 8ª série do ensino fundamental* centra-se nos métodos e estratégias utilizados pelo professor de Língua Portuguesa quando da aplicação da leitura em uma turma de 8ª série de uma escola da 22ª Superintendência Regional de Ensino de Montes Claros/MG. Passos em *As audiências trabalhistas e o processo de modalização* analisa o processo de modalização no contexto das audiências trabalhistas, levando-se em consideração a posição mediadora exercida pelo juiz da Vara do Trabalho. Tavares em *A paráfrase nas manchetes do caso Isabella Nardoni* investiga o movimento discursivo representado pelas paráfrases em manchetes das notícias que retrataram o assassinato de Isabella Nardoni. Ferreira em *A linguagem do futebol*

*brasileiro* faz uma análise discursiva de jargões em narrações de partida de futebol. Rodrigues no estudo de *Operadores argumentativos nos textos de Diogo Mainardi* apresenta conectivos que são vistos e percebidos como “fios” condutores que auxiliam na argumentação do enunciador.

Nesse contexto, agradecemos aos colaboradores que, com muito interesse e boa vontade, acreditaram no nosso trabalho e propuseram-se a colaborar conosco publicando neste volume as suas reflexões linguísticas, o que possibilitou podermos tornar públicos os diferentes trabalhos que foram apresentados no Selira 2009.

*Professora Doutora Maria Ieda Almeida Muniz (Unimontes)*

*Professora Doutoranda Arlete Ribeiro Nepomuceno (Unimontes)*

*Organizadoras*

## COMO COLHER DADOS EM SITUAÇÃO DE TRABALHO<sup>1</sup>

*Maria Ieda Almeida Muniz<sup>2</sup>  
Arlete Ribeiro Nepomuceno<sup>3</sup>*

Este trabalho tem como objetivo apresentar as teorias que ajudam na coleta de dados em situação de trabalho. Para isso, será apresentado o método da autoconfrontação.

A escolha desse método motivou-nos por ter um caráter de transformar o observado em observador da sua própria atividade e ir além dessa observação, dando um destino a esse diálogo comentado. Trata-se de desenvolver o diálogo pela observação e a observação pelo diálogo. É nesse momento de observação de si mesmo que há um estranhamento, o crescimento pessoal daquele trabalhador que é observado e observador em momentos distintos. Acreditamos que, por meio desse método, o trabalhador possua condições de se autoavaliar e adquirir artefatos que transformem em instrumentos<sup>4</sup> psicológicos o seu desenvolvimento na situação de trabalho.

O método da autoconfrontação foi proposto pelo pesquisador Daniel Païta (1997). Atualmente, foi incorporado e aperfeiçoado nos trabalhos de pesquisa e análise desenvolvidos pela Clínica da Atividade. Para melhor compreender o desenvolvimento desse

<sup>1</sup> A pesquisa que deu origem a este texto conta com o apoio da Fapemig, com a aprovação do projeto de pesquisa SHA-APQ-02558-10 "O gênero estágio supervisionado e o *ethos* de aprendiz de professor", por meio do edital 1/10 – demanda universal.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Comunicação e Letras da Unimontes e doutora em Linguística Aplicada aos Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica – PUC SP. E-mail: mariaiedaalmeidamuniz@gmail.com

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Bolsista da Fapemig.

método e como ele será utilizado de maneira inovadora em pesquisa que se preocupa em investigar o homem em atividade de trabalho, apresentaremos como ele é utilizado pelos pesquisadores da Clínica da Atividade. Não falaremos em primeiro lugar da autoconfrontação simples para após falarmos da autoconfrontação cruzada que acontecem em cronologia, uma seguida da outra. Preferimos refletir, em um primeiro momento, sobre a diferença do real e do realizado, em seguida, sobre como esse dispositivo pode ser considerado gênero de investigação. Ao final, apresentaremos as especificidades das autoconfrontações simples e cruzada.

### O real e o realizado

A Equipe da Clínica da Atividade, doravante ECA, utiliza a autoconfrontação (simples e cruzada) como método para investigar a atividade de trabalho. Após a realização da autoconfrontação simples, é realizada a autoconfrontação cruzada. Ir para a situação de trabalho, observar e decidir com o coletivo de trabalho o que será registrado em vídeo, o que será editado na autoconfrontação simples e, após, na cruzada, é o grande desafio dos pesquisadores que atuam na situação de trabalho. Alguns pesquisadores, como Clot (2005), Boutet, Gardin e Lacoste (1995), constataram que um dos grandes obstáculos encontrados no estudo da produção do discurso em situação de trabalho é a pluralidade dos contextos nos quais a

<sup>4</sup>Se o aspecto normativo dá consistência e perenidade ao gênero, permitindo a cada um fazer dele objeto de sua própria atividade normativa, é porque ele é simultaneamente um recurso para enfrentar as exigências da ação; ele é também o objeto de ajustes e de modificações daqueles que o utilizam. É este trabalho de ajustamento do gênero para fazê-lo um instrumento da ação que nós chamamos o estilo da ação. É um tipo de emancipação em relação a certas coerções genéricas. Entretanto, nós o vemos como uma dupla emancipação. De um lado, emancipação em relação à memória impessoal. Sob esse ângulo, o sujeito se distancia da coerção, conservando o benefício do recurso, e, em caso de necessidade, modificando a regra, o gesto ou a palavra, inaugurando, assim, uma variante do gênero, cujo futuro dependerá finalmente do coletivo. Acontecendo isso, é o desenvolvimento, a vida mesma do gênero que é assegurada porque ele recebe, assim, novas atribuições por meio da recriação pessoal, avaliada e depois eventualmente validada pelo coletivo (CLOT; FAÏTA; FERNANDES; SCHELLER, 2001, p. 17-25).

atividade se dispersa. Entretanto, os pesquisadores da ECA trabalham com a hipótese de que a grande contribuição do pesquisador in situ é procurar transformar esse obstáculo em recurso (CLOT, 2005, p. 43). Eles procuram descrever as delimitações de um perímetro interlocutório destinado a produzir e a mobilizar novos recursos dialógicos para a transformação de situações ordinárias de trabalho por meio dos dispositivos técnicos da autoconfrontação cruzada.

Para a transformação desse obstáculo em recurso, é necessária então a distinção entre diálogo realizado e o real do diálogo. O real dialógico não coincide com as réplicas no encadeamento do diálogo realizado. Para Clot (2005), existe algo no discurso que é nômade e não ocupa um espaço específico. Podemos entender essa afirmação, uma vez que conhecemos a teoria *babilôniana* da enunciação como acontecimento. As sessões de autoconfrontação revelam que os enunciados do coletivo de trabalho não encontram eco em verdades momentâneas, ou seja, em verdades situadas em um momento específico. Os enunciados considerados relevantes são aqueles omitidos, aquilo que não é dito do real da atividade: o “difícil de dizer” que se materializa discursivamente mostrando um fazer diferente daquilo que se fez.

Nas sessões de autoconfrontação cruzada, é organizado entre os trabalhadores um diálogo, levando-se em conta esse obstáculo, esse “difícil de dizer”. Percebe-se que esse diálogo não é, em nenhum momento, uma luta que se apazigua. Nesse gênero de análise do trabalho, os enunciados considerados como o “difícil de explicar” é o furão do jogo dialógico. Se o pesquisador conhece as regras do gênero, esse “difícil de representar” torna-se, então, um objeto-ligação<sup>5</sup> dentro desse diálogo entre a réplica de um e de outro. O pesquisador participa do diálogo, sendo, ao mesmo tempo, o seu limite, ou seja, ele atua como uma espécie de sensor, de contraponto, de regulador consensual. É necessário despertar naqueles que dialogam uma curiosidade para regular esse limite. A

verdade do diálogo se sustenta sobre essa fronteira: fala-se e, ao mesmo tempo, sente-se, procura-se ver, faz-se ver ou sentir. Essa fronteira fluante mantém o diálogo tenso. É o limite da linguagem no interior da linguagem, no diálogo realizado, que não está fora da linguagem nem fora do encadeamento das réplicas. Esse exterior está entre duas réplicas, dentro do diálogo realizado no momento do deslocamento que nos faz passar de um ao outro. As réplicas se produzem sobre o impacto de um exterior que alarga o intervalo entre elas. Esse desenvolvimento se realiza nas réplicas que nada acrescentam. O desenvolvimento fica transitivo, instável, volátil, exposto à extinção se no decorrer dos debates existirem essas réplicas que nada acrescentam. Dessa forma, o diálogo realizado refere-se a “outra coisa”, que não se reduz nem ao sentido do enunciado nem ao referente das proposições. Essa “outra coisa” não concerne à verdade dos enunciados, mas à veracidade do diálogo. Isso é denominado por Clot (2005) de real do diálogo. Só é possível aceder a essa veracidade se se focalizar seriamente a realização das trocas em torno do que não se chega a dizer, em torno do que parece, de início, impossível de dizer.

Na autoconfrontação cruzada, as edições de vídeo da atividade mostram as dificuldades, os conflitos. O trabalho do pesquisador consiste em provocar o encontro do desenvolvimento propiciado pelo real do diálogo no interior do diálogo realizado, ou seja, tudo que foi dito nas sessões de autoconfrontação simples pode ser retomado e reinterpretado. O posicionamento discursivo pode mudar. Se realizado assim, o real do diálogo se desenvolve. No curso da interação, o diálogo realizado não tem sempre a mesma função: de recurso para afrontar e sobrepor o que não se chega a dizer pode tornar-se fonte de um novo “difícil de dizer”. Dizendo de outra forma, o posicionamento discursivo pode mudar ou se ratificar em forma de simulacro.

O que se apresenta como difícil de dizer e de compreender é um acontecimento que afeta o curso dialógico e lhe pertence do

mesmo tanto que muda e revela nele vozes que estavam mortas. Então, o futuro da atividade psíquica pode ser construído ou não, pode se revelar ou se esconder, por meio do movimento das palavras que o exprimem ou, ao contrário, o oprimem. Em todo caso, o futuro do diálogo projeta-se em ligação à linguagem e ao seu exterior.

É necessário perceber a diferença entre o real e o realizado não como uma antinomia da razão dialógica, mas com uma defasagem histórica na temporalidade do diálogo. Caso contrário, segundo Clot (2005), é necessário aceitar o vai-e-vem sem surpresa entre um real dialógico saturado de vozes, mas inaudível, e um diálogo realizado ruidoso, mas monótono. Pode-se pensar, ao contrário, que essa defasagem e essas migrações funcionais, que veem a atividade psíquica mudar sistematicamente de lugar, assinalam bem a “motricidade do diálogo”.

Vygotsky (1997) mostrava que há um devir do pensamento na palavra, em parte imprevisível e inversamente. No diálogo, em torno do que não se chega, ainda, a compreender e a dizer do trabalho, há, inversamente, um futuro do real dentro do realizado. É o terreno do desenvolvimento psíquico de ligações novas, o que baliza o dispositivo técnico servindo a essa metodologia descrita.

A seguir, descreveremos como funciona o decorrer de uma pesquisa que utiliza o método da autoconfrontação.

### **A autoconfrontação: uma experiência dialógica**

A realização das autoconfrontações pela ECA tem dois pressupostos: a instalação de um plurilinguismo<sup>5</sup> (dialogismo) profissional no meio de trabalho e a definição do “furão dialógico”, “objeto-ligação”, em torno do qual a experiência dialógica pode se enrolar ou se desenrolar. O plurilinguismo (dialogismo) pode ser entendido como os diálogos que são instituídos no momento da

autoconfrontação. O “furão dialógico” ou “objeto-ligação” pode ser entendido como as partes do diálogo em que existem as controvérsias da forma de se trabalhar. Com efeito, pode-se considerar que, nesse quadro, as “paixões” do *métier* conservadas pelo pesquisador suportam as transferências dos recursos profissionais de um sujeito a outro. Ninguém é capaz de conhecer de antemão aquilo que é capaz de suportar. Para Clot (2005), esse dispositivo metodológico poderia ser qualificado de clínico-desenvolvimental e pode ser descrito em várias fases.

Na primeira fase, observa-se que a atividade é transformada em objeto de uma observação minuciosa com consequências psicológicas indiretas e, em geral, insuspeitas. No método canônico, as análises são levadas ao coletivo para a elaboração do “objeto do discurso” que deve ser discutido na autoconfrontação. A seleção do “objeto do discurso” para as sessões da autoconfrontação será escolhida a partir dos enunciados constituídos na entrevista que revelarão os conflitos vividos por nosso protagonista do trabalho.

No método canônico, procura-se “desnaturalizar” a atividade para a escolha dos enunciados que servirão como o “objeto do discurso” nas sessões de autoconfrontação. Redescobre-se, cada vez, que o sujeito na situação de trabalho traz consigo e transmite uma história e uma experiência que a observação exterior confunde muito com um conjunto de automatismos e de rotinas que são suportados pelas escolhas e por um engajamento subjetivo. É nessa redescoberta da experiência, de sua riqueza, mas também de seus

<sup>3</sup> [Para Bakhtin], o plurilinguismo, em especial o plurilinguismo dialogizado, que “é o verdadeiro meio da enunciação”, ao contrário das abordagens conservadoras, não se restringe à diversidade de “línguas nacionais”, mas, sim, preserva a diversidade de vozes discursivas – posições que constituem o discurso – como característica fundamental do enunciado. Tais vozes são sociais, trazem discursos que circulam, são pontos de vista sobre o mundo, perspectivas axiológicas, e estabelecem relações entre linguagens diversas (de profissões, de gerações, de grupos sociais, etc.). Ao propor uma diversidade de línguas/linguagens, o plurilinguismo considera uma variedade de estruturas enunciativas em confronto, tendo em vista a variedade de coerções nas relações sociais. Há, com isso, um movimento de resgate do “plural”, em que o enunciado se materializa em diferentes dialetos, linguagens e tendências. Cada linguagem, em determinado momento histórico-social, possui “estrutura” e finalidade próprias, que evoluem discursivamente (DI FANTI, 2004, p. 41).

limites e de seus dilemas, que a primeira fase procura instruir individual e coletivamente. É a pesquisa pelo “objeto-ligação”/“difícil de explicar”<sup>6</sup>.

A segunda fase está consagrada a recolher dois tipos de pistas no vídeo: as da atividade e as da confrontação de seus pares entre si. O pesquisador não procura compreender “por que” o que é feito é feito. Essa verdade não está diretamente acessível. Ele faz com que os trabalhadores se interroguem sobre o que eles se veem fazer. Ele deve convidá-los a descrever o mais precisamente possível os gestos e as operações observáveis gravados no vídeo até que os limites se manifestem, até que a “verdade” estabelecida coloque em evidência a falta, o erro na “veracidade” do diálogo, momento em que os sujeitos não “dissimulam” com o real. No lugar de isolar elementos da atividade em que o pesquisador teria que encontrar uma lógica, o sujeito desfaz e refaz as ligações entre o que ele se vê fazer, o que existe para fazer, o que ele queria fazer, o que teria feito ou ainda o que seria refeito. Isso quer dizer que o resultado da análise sobre o conhecimento da atividade não chega de início, mas, frequentemente, sobre surpresas em torno dos acontecimentos difíceis de interpretar pelos cânones do discurso condizente.

A atualização desses “furões dialógicos” permite aos sujeitos tornarem seus comentários também próximos de si mesmos. Esse comentário torna-se, então, o instrumento de uma elaboração psíquica. O comentário cruzado orienta, em um segundo tempo, os diálogos sobre a confrontação das “maneiras de fazer” diferentes, de conseguir os mesmos objetivos ou de fixar neles outros objetivos. Outros gestos possíveis podem ser imaginados e mesmo repetidos na confrontação de si com o outro. Eles podem

<sup>6</sup> “Objeto de ligação”, “furão dialógico”, “difícil de explicar” são utilizados aqui como termos semelhantes. O termo “difícil de explicar” foi utilizado pela primeira vez nas ciências da linguagem por Prédéric François (1998) em sua obra *Les discours et ses entours*.

ser tomados pelos outros. Assiste-se, quando se consegue “manter um bem-estar” sobre esse quadro dialógico, à abertura das zonas de desenvolvimento potencial da atividade.

A terceira fase é o momento da restituição das análises ao coletivo de trabalho com a ajuda dos documentos de vídeo de trabalho. A confrontação das diferentes fases que a pesquisa atravessa revela, ainda, os limites do trabalho de interpretação da atividade concreta que mantém todos os protagonistas expostos. Eventualmente, percebem-se prazeres de uma possível descoberta. Esse movimento de concentração dialógica sobre a atividade de trabalho não tem, *a priori*, limites. A última palavra nunca pode ser dita.

### O dispositivo metodológico como gênero

A ECA poder ser considerada, nesse ponto, como um instrumento para o desenvolvimento da experiência em situação de trabalho, mas ela necessita de uma aprendizagem: a apropriação de um gênero de atividades que é como um “processo de interação formativa”. É uma apropriação das obrigações dialógicas que o dispositivo fixa por meio da aparelhagem técnica e discursiva que permite aplicá-la.

A função do pesquisador, aqui, é essencial, pois ele encarna em sua própria atividade as interdições e as regras do dispositivo dialógico. Ele é, nesse sentido, um meio de “domar” o diálogo e seu objeto. A apropriação se faz, assim, por “imitação”, entendida, aqui, à maneira de Vygotsky: como preparação para continuar, sem procurar, o que os sujeitos realizam de início com e em colaboração com o pesquisador. Aliás, essa “imitação” não é o único sentido que o diálogo em autoconfrontação cruzada procura “encontrar” e, o mais frequentemente, deve restaurar a função psicológica do coletivo ordinário do trabalho naquilo que se apresenta

essencialmente dialógico. É uma repetição sem repetição.

Sendo assim, o mais importante na observação inicial da atividade vivida é menos a observação que a diferença entre as observações, menos a primeira observação que a segunda, que toma a primeira como objeto, ou seja, o objetivo é o desenvolvimento entre os trabalhadores da observação de sua própria atividade. Mesmo para a interpretação, o objetivo não é a interpretação da situação pelo pesquisador, mas o desenvolvimento da interpretação da situação entre os sujeitos. Então, a análise da atividade não é mais a fonte da ação, mas uns recursos para sustentar uma experiência de modificação do trabalho por aqueles que o fazem. Para que essa modificação se apresente, a observação deve ser precisa e rigorosamente construída. O detalhe torna-se decisivo. Conforme Bakhtin, uma observação viva, competente, imparcial, a partir de um ponto de vista qualquer, guarda sempre seu valor e sua significação. A parcialidade e a limitação de um ponto de vista (de um observador), qualquer coisa que possa sempre ser retificada, completada, transformada (inventariada), ocorrem com a ajuda dessa observação que podem mostrar um ponto de vista diferente, oposto ao ponto de vista neutro (sem observação nova, viva), que se mostra estéril.

Com efeito, uma das instâncias principais do dispositivo da autoconfrontação cruzada é o de criticar a ilusão de uma relação direta a atividade ordinária de trabalho. Seu destino é ser retificado graças à apropriação pelos sujeitos de um gênero da atividade dialógica, organizando a controvérsia sobre os dilemas da atividade ordinária por meio da imagem. A autoconfrontação cruzada ressalta um gênero da atividade particular – gênero do discurso apreendido – que superpõe aos esperados genéricos ordinários uma espécie de plurilinguismo profissional, orquestrado contra toda canonização dessa atividade ordinária, a fim de provocar sua reacentuação psíquica na troca. Esse gênero de análise do trabalho não se dirige

sobre a atividade observável por e para seu conhecimento, mas sobre a atividade manifestada quando os interesses dirigem suas análises em direção dessa atividade observada. É o conteúdo da atividade de análise direcionada à atividade ordinária que é o objeto desse gênero de análise do trabalho. Encontra-se nele uma coerção ao se referir à atividade, não mais como uma coisa, mas como um modo de agir com ela e sobre ela.

Entretanto, um ponto é essencial para finalizar a caracterização desse gênero da atividade dialógica do qual os interlocutores devem se apropriar. Ele está orientado, simultaneamente, em direção ao real do trabalho – o que é problema e que é difícil de explicar – e em direção ao movimento dialógico. A motricidade do diálogo emprestada a essa tensão, a sua energia, no melhor dos casos, a desenvolve. Os sujeitos se apropriam desse gênero praticado e dele se servem, com ajuda do pesquisador, que transforma com eles, seu trabalho realizado e observado em instrumento de troca entre os protagonistas do trabalho, tendo como objetivo que esses diálogos profissionais possam se tornar, a seu turno, instrumentos psicológicos novos do trabalho efetivo, que eles possam ir além do perímetro interlocutório que não se apresenta de maneira espontânea. Dentro de um quadro metodológico, em que as obrigações se mostram fixas para os trabalhadores, não há o desenvolvimento. As coerções somente tornam-se recursos quando o desenvolvimento genérico desse quadro pode ser apropriado e modificado pelos protagonistas do trabalho. Define-se, assim, o objeto da apropriação que é organizado pelos interlocutores, e, nessa direção, pode-se falar de uma aprendizagem genérica, fonte potencial do desenvolvimento. Poder-se-ia dizer que esse quadro metodológico é, ao olhar da atividade cotidiana analisada, uma ligação precisa: o de um “gênero segundo” frente a frente com um “gênero primeiro”, conforme Bakhtin (2003). Assim, a análise da atividade contribui para reavaliar os gêneros que ela atravessa e

mesmo aperfeiçoa dentro dos gestos profissionais compreendidos. Ela esconde o desenvolvimento. A autoconfrontação pode ser, ao mesmo tempo, vista como um gênero especializado.

A apropriação desse gênero especializado, de início, fonte de preocupação para os protagonistas do trabalho, pode tornar-se um recurso para o desenvolvimento de sua atividade, mas é necessário retornar um pouco atrás se se quiser compreender porque os pesquisadores da *Clinique* mobilizam esse “gênero especializado”, tendo em vista que ele não tem sua razão em si próprio. Ele é somente a resposta que os pesquisadores da *Clinique* têm encontrado ao que se poderia designar como o “paradoxo da observação”.

#### A autoconfrontação simples: representação do coletivo no indivíduo

A atividade psicológica da auto-observação era uma observação por si, um diálogo do sujeito com suas vozes. A autoconfrontação simples propõe um contexto novo, no qual o protagonista do trabalho torna-se um observador exterior de sua atividade em presença de um terceiro. O comentário do que foi registrado em vídeo do trabalho realizado se faz por meio das interpretações e das questões já levantadas pela auto-observação. Mas de essencialmente intrapsicológica, a atividade passa a interpessoal. O vivido e revivido dentro de uma situação transformada muda de lugar na atividade do sujeito. De objeto, torna-se meio. Nesse deslocamento, não se reencontra o vivido anterior. Descobre-se que ele está vivendo ainda, que ele não é somente o que chegou ou o que se fez e o que se poderia eventualmente fazer. Nessas conjunturas, uma clínica da atividade se coloca a organizar as migrações do vivido na atividade do sujeito para que ele possa experimentar aquilo de que é capaz, sendo esse o único meio de melhor se conhecer.

Contudo, essa nova exterioridade tem efeitos sobre o

sujeito. Em posição exotópica<sup>7</sup>, com respeito a seu trabalho e em face das escolhas ou dos dilemas que ele redescobre em sua atividade, o que era operação incorporada e resposta automática, torna-se questão. No diálogo, ele deve se assumir diante do pesquisador e, para sustentar essa troca sobre os segredos de sua atividade, geralmente, o protagonista do trabalho procura “não ficar só”. Ele procura reforço e convoca em sua conversação uma voz inicialmente diferente da sua. Essa voz que se escuta, então, nas variações discursivas do “eu” e nas modulações diferenciadas do “nós/a gente”, mistura-se ao diálogo com o destinatário direto que é o pesquisador. Essa voz que diz “nós/a gente” no discurso do “eu” fala pelas maneiras de fazer comum no coletivo e com elas. É o destinatário de socorro, como diz Bakhtin (2003), que se identifica na primeira parte. O protagonista do trabalho se localiza na autoconfrontação simples para responder às questões levantadas sobre sua atividade. Pode-se antecipar que a convocação desse “sobredesignatário” nessa troca significa a discussão de um terceiro participante vivo no diálogo. Nesse sentido, “o *métier* que fala” sobresobre sua atividade. Pode-se antecipar que a convocação desse “sobredesignatário” nessa troca significa a discussão de um terceiro participante vivo no diálogo. Nesse sentido, “o *métier* que fala” (CLOT, 2005, p. 50), escuta-se por meio do *métier*, não somente as competências técnicas do sujeito, mas o “fiador” coletivo, o garante da atividade individual cujo conceito de gênero profissional visa a perceber as maneiras de ver as coisas e as pessoas estabilizadas, pelo menos temporariamente, em um meio de trabalho dado. Trata-se de um entimema (silogismo) social construído em uma história coletiva: é como uma “senha”, conhecida somente no meio daqueles que pertencem ao mesmo horizonte social e profissional. Essas

<sup>7</sup> O conceito de exotopia pode ser entendido como um posicionamento exterior que revela um desdobramento de olhares. Esse lugar exterior permite, segundo Bakhtin, que se veja do sujeito algo que ele próprio nunca pode ver.

avaliações comuns subentendidas fazem do *métier* esse conjunto difícil de entender que os iniciantes se esforçam para compreender e que os experientes podem dispor com mais facilidade.

Nessa medida, o que foi descrito se trata de uma experimentação clínica. O momento em que é necessário se justificar ao lado do pesquisador pela escolha da maneira de fazer, quer seja para ajudar a compreender “o difícil de dizer”, quer seja para proteger a si mesmo de um conflito surgido no momento em que se tenta fazer. Nesse momento, o sujeito se apoia em uma história coletiva com a qual dialoga e serve de sustentação quando percebe o que se vê fazendo no vídeo. Graças à autoconfrontação simples, podem-se recolher resultados sobre o que um coletivo faz ou não a partir de uma tarefa prescrita.

Nessa experimentação, não se tem somente um resultado. Tem-se também um produto ao lado do sujeito. O real, com seu conjunto de possibilidades e de impossibilidades, se desenvolve dentro das realizações dialógicas precedentes, pois dentro dessa situação artificial – o artefato torna-se instrumento psicológico – o sujeito não é observado mais somente com seus próprios olhos – observação interior –, mas com os olhos de um observador exterior que não é apenas o pesquisador, mas o *métier* ou, ainda, o coletivo que funciona como “fiador” do diálogo juntamente com o pesquisador. Nesse momento, é necessário cautela por parte do pesquisador, uma vez que, nesse diálogo sobre a maneira de fazer, pode aparecer um efeito contrário ao procurado pelo pesquisador. O “destinatário de socorro” pode fechar o diálogo interior do sujeito. Então, os esperados do *métier* podem bloquear os inesperados do diálogo interior abertos pela auto-observação e pela autoconfrontação simples. O que se percebe é que, após a autoconfrontação simples, há ainda resíduos dialógicos. Ou melhor, o trabalho psicológico do sujeito continua com o novo observador exterior que ele traz em si e que, após a sessão de autoconfrontação,

aumenta. Ele se vê fazer com os olhos do *métier* e olha o *métier* com outros olhos. O “nós/a gente” torna-se um obstáculo para o desenvolvimento da atividade interior. Em vista disso, é importante fazer, também, a autoconfrontação cruzada.

A seguir, explicaremos a outra etapa do método: a autoconfrontação cruzada. Como reconhecemos a importância da autoconfrontação cruzada, acreditamos que é pertinente, aqui, explicitar como ela se desenvolve.

### **A autoconfrontação cruzada: o futuro do sobredestinatário**

Na autoconfrontação cruzada, o pesquisador pede a um binômio de pares, colegas com um mesmo nível de experiência, para comentar os traços da atividade do outro em uma mesma situação de trabalho. Aqui, as controvérsias surgem com mais frequência, é preciso saber se sustentar. Comparando suas maneiras de fazer ou de dizer na situação observada, os profissionais encontram rapidamente diferenças às vezes maiores para eles. Além das atividades já transformadas em questionamentos para cada um, mesmo atividades que não tenham produzido nenhum diálogo com o pesquisador na autoconfrontação simples, podem tornar-se objeto de controvérsias. Elas se tornam, então, discutíveis, e o objeto de análise se afina à proporção das diferenças que surgem à perseguição do “objeto-ligação”. Do ponto de vista em que os pesquisadores se colocam – o do desenvolvimento psíquico nessa fase de experimentação clínica –, o que os profissionais dividem é, então, menos interessante que o que eles não dividem. A pesquisa pela controvérsia é, então, o princípio da autoconfrontação cruzada, cuja primeira vítima é a bela unidade do “nós/a gente”. Nesse momento, o fiador coletivo não responde mais às exigências do

diálogo inesperado entre os operadores. Nessa polifonia, na qual se engajam debates de escola, o “nós/a gente” coletivo torna-se objeto de trabalho e de interrogações. No curso dessa estilização do gênero profissional, em que se perfilam variantes potenciais, as variantes sobre os temas do *métier* fazem retroceder seus limites. O “objeto-ligação” em desenvolvimento entre os sujeitos é um espaço muito pequeno no “costume” do *métier*.

A utilização do “nós” nas sessões de autoconfrontação simples é interpretada como meio interior de sustentar o diálogo com o pesquisador e, frequentemente, meio de se tranquilizar. Nas sessões de autoconfrontação cruzada, torna-se objeto da atividade dialógica na troca entre profissionais. Percebe-se que o objeto do diálogo não é sedentário, pois desenvolve, em cada etapa, funções com diferentes interesses. Acredita-se que essa atividade migratória possua por natureza o objetivo de restaurar a vitalidade do segundo *métier* ou o “*métier* ao quadrado” (designação utilizada pela ECA), também conhecida como o fiador, o garante (o sobredestinatário) da atividade individual e possua como característica uma resistência aos limites do coletivo dentro e graças à atividade individual, a fim de que o fiador profissional não fale com uma única voz e que possa participar do diálogo interior, autorizando cada trabalhador, pessoalmente, a se sentir parte cativa e contável de um “outro futuro” do *métier*.

Dessa forma, acreditamos que o método da autoconfrontação possa ajudar o pesquisador a coletar dados para uma futura análise linguística e, ao mesmo tempo, promover uma mudança significativa nos coletivos de trabalho.

## Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BOUTET, J. Le travail et son dire. *In: Paroles au travail*. Paris: L'harmattan, 1995, p. 247-267.
- CLOT, Y. et al. Entrétiens en autoconfrontation croisée: une méthode en clinique de l'activité. *In: Éducation Permanente*, n. 146, 2001, p. 17- 25.
- CLOT, Y. L'autoconfrontation croisée en analyse du travail: l'apport de la théorie bakhtinienne du dialogue". *In: L'analyse des actions et des discours en situation de travail: concepts, méthodes et applications*. Sob a direção de L. FILLIETTAZ e J. P. BRONCKART. Louvain-la-Neuve: BCILL, 2005, p. 5-16.
- DI FANTI, M.G. *Discurso, trabalho e dialogismo: a atividade jurídica e conflito trabalhador-patrão*. Tese de doutorado. LAEL – PUCSP, 2004.
- FRANÇOIS, F. *Le discours et ses entours: essais sur l'interpretation*. Paris: L'Harmattan, 1998.
- GARDIN, B. *Paroles d'ouvrières et d'ouvriers*. Textes édités et présentés par N. GARDIN et J. BOUTET. Limoges: Lambert-Lucas, 2005.
- LACOSTE, M. Parole, action, situation. *In: Parole au travail*. Sous la direction de BOUTET, J. Paris: L' Harmattan, 1995, p. 23
- VYGOTSKY, L. *Pensée et langage*. Traduction de F. SEVE. Paris: La Dispute, 1997.